

podem rir-se da farça que, aos seus olhos, representa todo o complexo drama da consciência alienada dos Quichotes. Só conseguirão que êstes os acoimem de primários e simplistas. No entanto o papel dos Sanchos que tem um mundo a ganhar e uma obra a construir não é estagnarem-se a «compreender» os Quichotes; nem a viver em volta dos seus problemas «eternos», na contemplação das suas lutas contra os gigantes-moínhos-de-vento.

Que importa que êles chamem a atenção para a «realidade» dos seus dramas subjectivos, para a sua profundidade e eternidade? Os que vivem noutra mundo irreduzível, com uma consciência mais adequada das realidades, na sua maioria, recusar-se-ão a «compreendê-los», rir-se-ão deles ou

considerá-los-ão casos patológicos. Para êstes a farça acentua-se; vivem a farça, não vivem a tragédia; e a própria realidade de que provêm e que irão modificar lhes impõe tragédias bem diferentes.

Para «compreender», ficam apenas os que assentam um pé em cada um dos mundos do Pança e do Quichote. São os que, provenientes do ambiente em que o Quichote se agita, são capazes do supremo heroísmo humano e da suprema traição de transcender êsse próprio ambiente, de que no entanto sentem o pêso angustioso. E assim se tornam capazes de, tendo a posição de Pança, estenderem a mão ao Quichote, compreendendo, ao mesmo tempo, tôda a realidade e irreabilidade do drama que o agita, porque o vivem não apenas como farça mas também como tragédia.

R A Ú L S E Q U E I R A



DESENHO DE

GUSTAVO DORÉ